
Sobre os cacicados Amazônicos: sua vida breve e sua morte anunciada

Denise Schaan¹

Resumo

O artigo examina a arqueologia da Amazônia brasileira em uma perspectiva histórica, abrangendo a segunda metade do século XX até o presente. A partir do desenvolvimento do debate sobre as sociedades complexas existentes às vésperas do contato europeu, examina-se a influência das teorias arqueológicas na construção do conhecimento científico na região, e os caminhos que diversos arqueólogos tomaram em suas próprias trajetórias enquanto cientistas. O debate sobre os cacicados é ilustrativo porque demonstra como, em um primeiro momento, identificar cacicados na Amazônia era importante como forma de reação à ecologia cultural e construção de novos paradigmas para a disciplina. No entanto, em um segundo momento, a discussão sobre formas de organização sociopolítica foi abandonada, e com ela perdeu-se também a possibilidade de crescimento de um debate teórico fundamental para a reconstituição do passado das populações amazônicas.

Palabras clave: Arqueologia Amazônica; teoria arqueológica; cacicados.

Resumen

El artículo examina la arqueología de la Amazonía brasileña desde una perspectiva histórica, que abarca la segunda mitad del siglo XX hasta la actualidad. Desde el debate en curso sobre las complejas sociedades de las vísperas del contacto europeo, se examina la influencia de las teorías arqueológicas en la construcción del conocimiento científico en la región, y las diferentes formas que los arqueólogos han tomado en sus propias carreras como científicos. El debate sobre los cacicazgos es ilustrativo porque muestra cómo, en primer lugar, identificar las jefaturas del Amazonas fue importante como una reacción a la ecología cultural y sirvió a la construcción de nuevos paradigmas para la disciplina. Sin embargo, en una segunda etapa, la discusión sobre las formas de organización sociopolítica fue abandonada y con ella se perdió la posibilidad de crecimiento de un debate teórico central para la reconstrucción de historia de las poblaciones del pasado en la Amazonía.

Key words: Arqueologia Amazônica, Teoria arqueológica, cacicazgos.

Introdução

A arqueologia brasileira desenvolveu-se efetivamente a partir da década de 1950 sob a influência das escolas francesa e americana². Enquanto que a influência francesa se fez particularmente relacionada ao estudo de sítios de

1 Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGA, Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, Brasil, Pesquisadora da CNPq, e-mail: denise@marajoara.com

2 Aqui nos referimos principalmente à formação técnica, colaboração e influência dos franceses José Empeaire e Annete Laming e aos trabalhos posteriores de Niède Guidon, Anne Marie Pessis e André Prous. O contato com a arqueologia americana se deu fundamentalmente a partir da associação de pesquisadores brasileiros com Betty Meggers e Clifford Evans.

caçadores-coletores, indústrias líticas e arte rupestre, sem grande alcance em outros temas de investigação, a influência americana, através principalmente de dois grandes programas de arqueologia patrocinados pela Smithsonian Institution e o CNPq³, foram decisivos para a formação de arqueólogos na maior parte do país e para a identificação de centenas de sítios arqueológicos (Meggers, 1985b; Simões, 1977). A história desses programas e suas conseqüências positivas para o desenvolvimento da arqueologia, assim como suas conseqüências negativas por terem incentivado uma arqueologia mais empírica e menos teórica, já foram longamente debatidos e por isso não vou retomar essa discussão aqui (Barreto, 1999; 2000; Bueno e Machado, 2003; Dias, 1995; Gomes, 2004; Lima, 2000; Robrahn-González, 2000). Basta apenas dizer que, ainda que a proposição teórica subjacente ao modelo americano fosse calcada no neo-evolucionismo (Hilbert, 2007), as metodologias de análise que foram aprendidas e reproduzidas de norte a sul do país trouxeram a pragmática do histórico-culturalismo e uma visão normativa de cultura. Como conseqüência, até o final dos anos 1980, em quase todo o país, os projetos de arqueologia, com raras exceções, limitavam-se a identificar culturas arqueológicas e relacioná-las por meio da classificação em fases e tradições; os mais “teóricos” arriscavam-se a propor rotas de migração e difusão. Nesse contexto, o arcabouço teórico e metodológico do processualismo, tendência então já dominante nos Estados Unidos, passou ao largo, tendo sido adotado raramente.

O neo-evolucionismo trazido pelos norte-americanos ao Brasil se fez sentir fundamentalmente no estudo das ocupações amazônicas (Meggers e Evans, 1957), onde essa abordagem era vinculada à ecologia cultural e à teoria de sistemas. A partir do livro “Amazônia: a ilusão do paraíso”, um *best seller* antropológico, e de inúmeras outras publicações, Meggers (1971) propagou seu “modelo padrão” (Viveiros de Castro, 1996), que da década de 1950 até início da década de 1990 deu a tônica aos debates sobre desenvolvimento cultural e complexidade social na Amazônia (Meggers, 1954; 1972; 1984; 1992). Partindo da proposta de áreas culturais de Steward (1948) e acreditando que na floresta tropical só poderiam se desenvolver sociedades simples de horticultores, toda a pesquisa desenvolvida por Meggers e seus seguidores do PRONAPABA basicamente serviu para conformar os dados ao modelo, de modo que todos os indícios de complexidade social foram minimizados ou atribuídos à invasão externa.

As reações a Meggers e sua teoria da limitação ambiental vieram de diversos campos do conhecimento, sendo Donald Lathrap, dentro do campo arqueológico, seu maior adversário, no que foi seguido por seus alunos, entre eles Anna Roosevelt (Carneiro, 1961; 1985; Denevan, 1976; Lathrap, 1970a; Roosevelt, 1989)⁴. Infelizmente, a associação de Meggers com os pesquisadores brasileiros, especialmente do Museu Goeldi, impossibilitou que outros arqueólogos, com idéias contrárias a ela, fossem trabalhar na Amazônia (Roosevelt, 1991b; Schaan,

3 PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) – 1965-1973 e PRONAPABA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica – 1975-1980.

4 Um excelente sumário do desenvolvimento histórico desse debate pode ser visto em Carneiro (1995 e 2007).

2001). Sem a possibilidade de se contrapor à Meggers com dados empíricos de seu próprio campo, o debate permaneceu no mais das vezes teórico, ainda que ocasionalmente os próprios dados de Meggers e seus colaboradores fossem usados para demonstrar que suas conclusões estavam equivocadas (DeBoer e Lathrap, 1979; Myers, 1973; Roosevelt, 1995).

O debate teórico na arqueologia amazônica, baseado em poucos dados arqueológicos, mas calcando-se em dados etnográficos, etnohistóricos e ecológicos, principalmente, além de analogias com outras regiões do globo, diferenciou, desde o início, a arqueologia amazônica daquela que se fazia no restante do país (Neves, 1999). Na arqueologia Amazônica da segunda metade do século XX, o debate teórico girava principalmente em torno das seguintes questões:

1. *Carrying capacity* versus agência: enquanto alguns acreditavam que as sociedades amazônicas estavam limitadas pelo meio (solos pobres, oscilações climáticas, falta de proteína) (Gross, 1975; Meggers, 1979; 1995), outros afirmavam que aquelas sociedades tinham criado os meios necessários para vencer as dificuldades ecológicas (Balée, 1989; Carneiro, 1961; Denevan, 1963; Denevan, 2001; Smith, 1980). Ainda outros afirmavam que os solos pobres eram aqueles da terra firme, enquanto as várzeas dos grandes rios teriam uma capacidade de carga quase ilimitada (Lathrap, 1970b; Roosevelt, 1980);

2. O nível de complexidade social atingido pelas sociedades amazônicas: enquanto alguns afirmavam que os relatos etnohistóricos que descreviam grande densidade populacional, províncias, chefes supremos e abundância de alimentos eram fantasiosos, e que os grandes sítios arqueológicos naqueles locais eram resultado de múltiplos episódios de re-ocupação por sociedades pouco numerosas (Alès e Pouyllau, 1992; Meggers, 1984; 1985a), outros defendiam a veracidade parcial dos relatos e a existência de evidências arqueológicas para a existência grandes populações autóctones, algumas das quais preenchendo as condições para serem chamadas de cacicados (Carneiro, 1970; 1998; Porro, 1994; Roosevelt, 1987; Whitehead, 1994)⁵.

Basicamente, portanto, na arqueologia Amazônica, a defesa da existência de cacicados naquele momento significava se opor à ecologia cultural e suas premissas sobre a limitação ambiental; significava ser contra o longo reinado de Meggers na região; significava sinalizar por uma renovação na disciplina.

Na arqueologia mundial, durante os anos 1980 e 1990 floresceu um grande debate sobre cacicados, sua variabilidade e sua identificação arqueológica, tendo sido estudados cacicados em todos os continentes (Allen, 1996; Bray, 1992; Drennan, 2008; Drennan, 1991; Earle, 1987; Kirch, 1984; Kopytoff, 1999). Na Amazônia, essa discussão foi apenas incipiente e teve por objetivo responder a uma pergunta inicial: teria havido cacicados na floresta tropical? Enquanto

5 Deve-se salientar entretanto que tanto Meggers (Meggers e Evans 1957) quanto Steward (Steward e Faron 1959) reconheceram que em Marajó e em Llanos de Mojos teriam havido cacicados; no entanto, sua origem teria que ser procurada fora da Bacia Amazônica.

isso, o debate sobre as particularidades dessas formações sociais ficou limitado a poucos estudiosos. Após o reconhecimento da existência de cacicados autóctones em Marajó e Santarém (Roosevelt, 1987; 1991b), sem que necessariamente se propusesse uma explanação sobre seu surgimento e desenvolvimento, assiste-se novamente a um vazio teórico na arqueologia amazônica, acompanhando a tendência internacional pós-moderna de desprezo por categorias generalizantes, e a eleição do óbvio como recurso explicativo: tudo é complexo e diversas outras formas de organização sociopolítica complexa (nunca demonstradas) são possíveis.

Em 2007, Tim Pauketat, depois de anos dedicados ao estudo de cacicados em Cahokia (Pauketat, 2004; Pauketat e Emerson, 1997), resolve jogar a toalha e publica “Chiefdoms and other Archaeological Delusions” (Pauketat, 2007), com o qual pretende demonstrar que tudo foi uma ilusão dos arqueólogos e que basicamente jogamos fora tempo e dinheiro nos reunindo em congressos e produzindo livros e artigos sobre cacicados. Na arqueologia amazônica, a morte súbita do debate sobre cacicados, sem que nada fosse proposto para substituí-los, infelizmente, anuncia também o fim do debate teórico sobre a organização sociopolítica das sociedades regionais pré-Colombianas.

Ao ser convidada para contribuir com esse artigo para a Revista Jangwa Pana achei que seria interessante discutir o papel da teoria na prática arqueológica a partir de um tema que para mim é particularmente relevante na Arqueologia Amazônica. Creio que o tema seja de relevância também para todos aqueles que se interessam por conhecer como viviam os antigos habitantes dessa região quando suas vidas foram abaladas pela lenta, mas inexorável, invasão européia do continente. Me causa extremo desconforto quando me deparo com livretos produzidos para o público que discorrem sobre as fases e tradições cerâmicas ao invés de falarem sobre como os povos indígenas viviam, como se organizavam, sobre as paisagens que construíram, sobre o que produziam, sobre sua cosmologia. Por isso, nesse artigo, me proponho a fazer um exame da discussão teórica (ou a falta dela) sobre organização social na Amazônia pré-Colombiana, a partir da produção científica de arqueólogos brasileiros trabalhando na região. Não se trata de criticar este ou aquele trabalho, mas fazer um exercício de perceber a construção teórica e empírica da disciplina nessa região nos últimos 30 anos. Acho que essa proposta pode nos ajudar a refletir sobre o papel da teoria na construção do conhecimento sobre o passado.

O Medo do Rótulo

Na pós-modernidade tudo é complexo. Frequentemente ouvimos as pessoas dizerem que não podem definir ou explicar algo porque é muito complexo. Bom, se os fenômenos fossem simples e autoexplicativos, não haveria ciência, ou a necessidade de estudá-los. Fazemos parte de uma tradição filosófica que justamente sempre se preocupou com a complexidade e inclusive em refletir sobre coisas simples de maneira complexa. Tenho a impressão de que, o dizer que algo é complexo e que, por isso, não pode ser resumido em algumas sentenças, esconde

a incapacidade do sujeito de refletir sobre um problema, e manifestar-se sobre ele de maneira sintética. O termo complexo é um qualificativo e, por si só, nada define. Precisamos saber quão complexo um determinado fenômeno é e em que consiste essa complexidade. Por isso falar em sociedades complexas não quer, em si, dizer muita coisa.

Alguns argumentos que foram construídos sobre/contra o emprego do termo cacicado escondem o fato de que algumas as pessoas realmente não sabem exatamente o que é um termo ou uma categoria em análise científica. Ao criticar o emprego do termo cacicado, o crítico deve começar por defini-lo, o que se chama em ciência de definição terminológica. A literatura é abundante em definições, mas inicialmente definir o que se entende por cacicado faz toda a diferença quando se trata de utilizar o termo como instrumento classificatório ou para manifestar-se contra ele. Pauketat, por exemplo, escreveu um livro de 211 páginas para se posicionar contrário aos cacicados, mas em nenhum momento os define. Então não sabemos exatamente contra o que ele se posiciona (Carneiro, 2010a).

Na história do debate sobre cacicados, vemos uma mudança de um período inicial em que os autores debatiam o conceito de cacicado – por exemplo, se a questão da redistribuição era fundamental para esta definição (Earle, 1977) – para um segundo momento em que passaram a explorar a variabilidade dos cacicados e os processos que levavam à sua criação e manutenção (Drennan e Quattrin, 1995; Earle, 1991; Feinman, 1991; Gilman, 1991; Liu, 1996).

Renfrew e Feinman, por exemplo, preocuparam-se com a fonte e estrutura do poder. O primeiro propôs que a estrutura poderia ser diferenciada entre orientada ao grupo ou individualizada (Renfrew 1974). Já o segundo afirmou que haveria diferenças entre os cacicados em termos da sustentação do poder e que, portanto, haveria duas formas de organização sociopolítica que poderiam ser identificadas: corporativa (*corporate*) e em rede (*network*). Com isso ele estava querendo encontrar uma solução para explicar aqueles casos em que não existe um único chefe (a centralização política característica de alguns conceitos de cacicado), mas onde o poder emana de um grupo, uma linhagem (Feinman, 2000; Hayden e Canon, 1982).

A base econômica foi um dos temas mais discutidos: como é sustentada a classe de chefes, guerreiros e sacerdotes? Earle e seus colegas propuseram duas formas de financiamento: *staple vs wealth*. (Brumfield and Earle, D'Altroy and Earle). Observou-se também que haveria diferenças em termos do tamanho e complexidade dos cacicados, e alguns autores propuseram coisas como diferenciar cacicados entre simples e complexos (Steponaitis, 1978) em função da quantidade de níveis hierárquicos. Finalmente alguns descontentes com os cacicados passaram a falar de sociedades intermediárias (Arnold, 1996) e mostrar outras formas de organização complexa regionais, como as sociedades segmentárias (McIntosh, 1999), assim como sugerir que sociedades regionais não seriam necessariamente centralizadas e hierárquicas (Crumley, 1987; Ehrenreich, Crumley e Levy, 1995).

Teceram-se ainda interessantes discussões sobre o papel das redes de trocas como forma de legitimação e empoderamento da elite política e religiosa, e como maneira de costurar alianças (Brumfiel e Earle, 1987; Helms, 1979; Renfrew, 1982) e ainda como festas eram fundamentais para a coesão social (Junker, Mudar e Schwaller, 1994). Além disso, discutiu-se como a cultura material e as transformações da paisagem era reflexo e instrumento da organização sociopolítica (Costin, 1991; Earle, 1990; 2001; Peregrine, 1991). Enfim, a discussão sobre cacicados raramente centrou-se em identificar cacicados, rotulá-los e colocá-los na prateleira, mas em discutir acaloradamente sobre as diversas possibilidades de entendimento para estas formas dinâmicas de organização social que marcam um momento importante na história das sociedades humanas em direção a uma complexificação crescente de suas formas organizativas e que levou finalmente à construção de estados nacionais. Não se trata de afirmar que todas as sociedades passam por estágios de desenvolvimento e que se tornarão necessariamente mais complexas sociopoliticamente com o tempo, mas reconhecer o fato de que as sociedades humanas percorreram um caminho de crescente complexificação e que, a partir de pequenas aldeias relativamente autônomas, tornaram-se sociedades regionais (cacicados, entre elas) e então estados. Esse foi um movimento mundial (Carneiro, 1998) e esse fato por si torna interessantes e necessários os estudos comparativos. Obviamente, continuaram existindo sociedades com diferentes tipos de organização social, mas o fato é que o caminho em direção à organização estatal foi percorrido. Estranho é que, enquanto os conceitos de bando, tribo e cacicado foram execrados enquanto filhos do neo-evolucionismo, o estado (quarto estágio), é usado sem problemas. Me parece que ninguém duvida de que existem estados... Atualmente, apesar de existirem diversas formas de organização sociopolítica, algumas das quais nós usamos como modelos para estudarmos nossos contextos arqueológicos (como os grupos de caçadores-coletores, por exemplo), toda essa variabilidade é contida e está sob uma administração estatal (como as reservas indígenas, por exemplo, existentes dentro de estados nacionais com diferentes graus de autonomia).

Cacicados no Debate Amazônico

A arqueologia amazônica acompanhou a trajetória da discussão sobre cacicados. Roosevelt, por exemplo, participou com um capítulo no livro editado por Drennan e Uribe em 1987 intitulado “Chieftdoms in the Americas”. No seu capítulo, “Chieftdoms in the Amazon and Orinoco”, Roosevelt utiliza diversas linhas de evidências para afirmar a existência de cacicados bastante extensos, com chefes supremos, estratificação social, guerras, trabalhos públicos e sistemas de uso intensivo da terra (Roosevelt, 1987: 153). A grande quantidade de alimentos descritas pelos cronistas assim como a dispersão dos horizontes cerâmicos policrômicos e inciso-ponteados são tomados pela autora como indicação da existência de organização regional e redes de trocas, assim como de alianças supraregionais entre as elites, envolvendo casamentos e guerras. Isso ocorreria principalmente nas várzeas do Amazonas devido à fertilidade inerente a essas áreas alagáveis. Ao mesmo tempo, Roosevelt reconhece que os interflúvios

(terra firme), não teriam as condições ecológicas necessárias para proporcionar o desenvolvimento de sociedades complexas. Naquele momento, havia já conhecimento acumulado (Meggers e Evans, 1957) para se afirmar que em Marajó teria havido um grande cacicado. Como explicar de outra forma a ocupação de uma área de 20.000 km² por centenas de *mounds*, representando obras coletivas, contendo sepultamentos elaborados, com indicações de estratificação social? Roosevelt argumentava naquele momento para uma origem local dos cacicados e para a adoção de novas metodologias de escavação e análise de artefatos e feições (geofísica, estudo aprofundado de certos sítios e abandono das técnicas de seriação baseadas no modelo Ford).

Roosevelt posicionava-se, neste e em outros artigos, contra o uso de analogias etnográficas como modelos para as sociedades indígenas pré-conquista (Roosevelt, 1989; 1991a), particularmente porque séculos de colonização tinham destruído completamente as antigas formas de organização social. Não existia ente as populações indígenas amazônicas do século XX nada parecido com o que tinha sido descrito pelos cronistas dos séculos XVI e XVII. Colocando-se contra o determinismo ambiental de Meggers e Steward, Roosevelt, entretanto, não abandonava certo determinismo em sua argumentação (Carneiro, 1995; Schaan, 2004). Os cacicados tinham se desenvolvido na várzea, porque ali o solo era mais fértil e permitiria a adoção de agricultura intensiva.

Para Roosevelt, a base econômica (agricultura intensiva) corresponderia necessariamente a um tipo de organização sociopolítica. Sendo assim, o fato de ela ter observado em sua pesquisa posterior no Marajó que não tinha acontecido ali o desenvolvimento de uma agricultura intensiva baseada no milho, como no Orinoco (Roosevelt, 1980), foi fundamental para que abandonasse a idéia de que em Marajó teria existido centralização política e ultimamente cacicados:

“The general picture from the Marajoara cultural remains, then, is of populous, wealthy, but apparently uncentralized societies. Their populations lived in sometimes sizeable, long-term communities atop large-scale earth constructions, taking sustenance from fish, horticultural crops, and orchards. They created highly elaborate and often monumental art, and craft objects that were available to all residential groups, although in somewhat different quality and quantity. Such differences are more consonant with graded ranking than with socioeconomic stratification” (Roosevelt, 1999: 23).

Entretanto, ela não ofereceu outro modelo. Em suas últimas publicações, afirma que em Marajó não havia centralização política, mas outras formas de organização social, que podem ser chamadas heterárquicas. Mas que outras formas seriam essas? Ela não fornece explicação. Nesse caso, o que aconteceu foi que ela tinha em mente uma definição bastante clara de cacicado, e seu objeto de estudo não se adequou a esta definição, o que levou a abandoná-la. Mas assim como outros, ela não conseguiu substituir seu modelo por outro. Ou seja, disse o que Marajó não é, mas não disse o que é. Já quando fala sobre a cultura

tapajônica, Roosevelt (1999) utiliza predominantemente os relatos etnohistóricos (não disponíveis para os marajoaras):

“The general picture of the Santarém society accords better with the idea of a warlike complex chiefdom than does that of the Marajoara society. Ethnohistorical accounts, iconography and settlement patterns all give evidence of a moderately centralized political hierarchy that claimed some tribute”.

O problema é que suas evidências aqui são de outra categoria. Se ela considerasse para Marajó apenas o mesmo tipo de evidência que possui para Santarém, Marajó também teria que ser um cacicado.

Na última década, o trabalho de Roosevelt indica uma mudança de foco, para uma arqueologia que dá menos importância às estruturas sociais e mais às maneiras pelas quais as sociedades utilizaram os recursos naturais e transformaram seus entornos (Roosevelt, 2000).

Ao sul da Amazônia, outro candidato a cacicado tomou um rumo diverso. Em sua tese de Doutorado, Heckenberger (1996) dedica-se a estudar a trajetória histórica de povos indígenas situados no Parque Indígena do alto rio Xingu, um dos afluentes da margem direita do baixo Amazonas. Basicamente sua tese aponta para continuidade nas formas de ocupação do espaço – ressaltando-se as diferenças entre as aldeias do passado – muito maiores – para as do presente, o que lhe permite supor que a estratificação social observada no presente seria resquício de e permitiria entender a organização social do passado. Basicamente haveria um sistema regional de organização social, que no presente assenta-se nas relações sociais entre as aldeias (reuniões em torno de cerimônias fundamentais para a reprodução social dos grupos envolvidos), o que arqueologicamente se revelaria pela disposição espacial das aldeias e pelas estradas que as conectam. Heckenberger examina em detalhes o poder dos chefes e a estratificação social presente; o poder é hereditário, mas deve ser renovado e perpetuado através de rituais periódicos, para os quais a organização regional é fundamental. No entanto, para Heckenberger não se trata de identificar a origem histórica do poder e da estratificação, uma vez que estas seriam características culturais Arawak (Schaan, 2005c). Pela falta de um poder central, entretanto, uma vez que em cada vila existe um chefe poderoso e o sistema regional é mantido pelas relações regionais, a organização sociopolítica nessa sociedade é antes estrutural. Ao final, Heckenberger conclui que:

“the Upper Xingu case is one in which is not easy to assign to any specific ‘evolutionary stage” (Heckenberger, 1996: 413).

As pesquisas de campo posteriores de Heckenberger e colegas que se associaram a ele no decorrer dos anos não alteraram aquele quadro em termos gerais. Basicamente estudaram mais sítios, encontraram mais estruturas defensivas e mais estradas conectando os diversos sítios, apontando para um extenso sistema regional. No entanto, um novo dado veio à tona, que havia sido

minimizado durante a elaboração da tese: o fato de que a exploração de recursos aquáticos tinha sido importante economicamente (Heckenberger, 2005), talvez por influência (não reconhecida) do meu próprio trabalho e da importância que conferi à exploração intensiva de peixe como recurso econômico e político (Schaan, 2004)⁶. O sistema regional foi finalmente caracterizado como centro urbano e falou-se em “Estado” (Heckenberger, 1999; Heckenberger et al., 2003; Heckenberger et al., 2008).

Outra descontente com os cacicados é Denise Gomes, que escolheu como área de pesquisa justamente a região onde tanto o registro arqueológico como os relatos etnohistóricos apontam claramente para uma organização sociopolítica do tipo cacicado (um ou vários). Gomes critica Roosevelt quando essa apóia-se primordialmente sobre os relatos etnohistóricos e a dispersão espacial do horizonte inciso-ponteadado para falar dos Tapajós. Gomes argumenta que, por um lado, os relatos etnohistóricos devem ser testados arqueologicamente, e que, por outro, a dispersão dos estilos cerâmicos poderia ter outras explicações, como, por exemplo, relações horizontais e não verticais entre os diversos locais. Para isso ela sugere outras possibilidades interpretativas, como o conceito de *peer polity interaction*, de Renfrew, ou o sistema de interdependência regional, proposto por Arvello-Jmezes e Bjord (Gomes, 2002: 162-163).

Ao revisar todos os cronistas e as poucas e pontuais pesquisas arqueológicas realizadas em sítios do baixo rio Tapajós, Gomes preocupa-se com a falta de estudos regionais que possam investigar a estrutura do cacicado. Sendo assim, ela se propõe a investigar uma série de sítios localizados no que seria a periferia do cacicado tapajônico. Esse tipo de estratégia tem sido utilizado por outros autores (Bermann, 1994; Schaan e Silva, 2004; Shennan, 1982). Os estudos de regiões periféricas permitem medir a influência do centro e investigar estratégias distintas de relação com os centros de poder. Em geral nas periferias há mais liberdade, justamente pelas distâncias, para o desenvolvimento de economias independentes. Isso porque há uma relação inversa entre distância e integração social (Hodder, 1978; Smith, 1976). Na região estudada, Gomes identifica uma ocupação inicial por volta de 2.400-1600 AC, de sociedades que cultivavam mandioca, em sítios que são ocupados até o século XIII, portanto contemporâneos ao cacicado dos Tapajós, na região de Santarém (Gomes, 2005). Em sua análise da ocupação no Parauá, Gomes não identifica influência significativa do cacicado dos tapajós, chegando à conclusão de que outras formas de organização social conviviam com os cacicados (mas ninguém duvidava disso) e que, portanto, o cacicado dos tapajós não era tão poderoso como pensado. No entanto, a região estudada por ela situa-se a 100km ao sul do centro do domínio tapajós, na margem oposta do rio. Quando se testa uma hipótese, deve-se ter em mente que o enunciado deve representar uma assertiva possível. A falta de domínio de uma determinada região da periferia não prova nada sobre o cacicado a não ser que seus domínios não se estendem para aquela direção. Seria a mesma coisa dizer que os Incas não eram poderosos e expansionistas porque não haviam

6 Heckenberger fez parte de minha banca de doutorado (Graduate Committee).

conquistado Mojos até o século XVI. Ora, de norte a sul o Império Inca alcançava 4.500km, mas Mojos estava a somente 500km de Cuzco.

A noroeste de Santarém, grandes sítios de terra preta são encontrados ao longo do rio Trombetas, e principalmente de lagos que o margeiam. A cerâmica encontrada nestes locais é semelhante àquela da margem direita do Tapajós e da margem sul do lago de vila Franca, mas possui suas características próprias (pertencem todas ao horizonte Inciso-Ponteadado). Além disso, assim como na região tapajônica, a região do Nhamundá-Trombetas é pródiga em artefatos líticos como machados, adornos de pedras verdes (muiraquitãs) e estatuetas antropozoomorfas. Difícil não caracterizar as antigas populações do Nhamundá-Trombetas (Konduris) como chefias regionais. Ultimamente a região tem sido estudada por Vera Guapindaia, que pesquisou por quase uma década diversos sítios no rio Trombetas (à margem de lagos e na terra firme) o que resultou em sua tese de Doutorado (Guapindaia, 2009). Antes disso, sítios do Nhamundá-Trombetas haviam sido descritos e estudados por Peter e Klaus Hilbert (Hilbert e Hilbert, 1980).

Em sua tese de 185 páginas, Guapindaia conclui que existiram três ocupações distintas na região, uma antiga, relacionada à fase Pocó, datada entre os séculos II AC e IV DC (confirmando os dados de Hilbert e Hilbert, 1980), e duas recentes, entre os séculos X e XV, período em que são identificados sítios em zonas ribeirinhas e de interflúvio. Estas duas últimas estão relacionadas à fase Konduri da Tradição Incisa Ponteadada e, portanto, aos grupos indígenas “Konduris” descritos pelos cronistas. Ao individualizar as duas ocupações (uma de várzea e outra de terra firme), como ocupações distintas, mascara-se o fato de tratar-se possivelmente de um sistema regional. Sociedades regionais não são compostas por dezenas de sítios iguais, mas justamente por assentamentos diferenciados, tendo em vista a necessidade de exploração de diferentes recursos. No entanto, a tese não explora as interrelações entre essas duas ocupações e não se atreve a descrever o possível sistema de organização sociopolítica regional, restringindo-se à descrição dos sítios e da cerâmica.

A ênfase nos estudos de cerâmica e na tipologia de fases e tradições também caracterizam os trabalhos desenvolvidos na Amazônia central, onde descobrir de onde os complexos cerâmicos provêm, como mudam e o que estão fazendo coexistindo no mesmo sítio tem sido a tônica das pesquisas (Lima, 2003; Lima, Neves e Petersen, 2006; Moraes, 2007). Os estilos cerâmicos são abordados como correlatos de grupos étnicos, desprezando uma antiga discussão dentro da antropologia e arqueologia sobre etnicidade e as diferentes estratégias adotadas pelos grupos humanos, que podem incluir manipulação da cultura material em função de estratégias políticas, significando que a cultura material e a etnicidade não necessariamente são isônomas (Barth, 2000a; b; Beaudry, Cook e Mrozowski, 1991; Colson, 1985; Dias, 2007; Jones, 1997; Schaan, 2005a).

Assim como no baixo Amazonas, a Amazônia central é pródiga em grandes sítios localizados junto a lagos, onde obras de terra interpretadas como montículos e estruturas defensivas são encontradas. Apesar das correlações

que são feitas entre complexos cerâmicos e padrões de assentamento (Castro, 2009; Machado, 2005; Moraes, 2007), nenhuma hipótese sobre estrutura sociopolítica é apresentada. Rejeita-se uma discussão em termos de “antigos estágios evolucionistas” e propõe-se que “*as sociedades pré-coloniais tardias da várzea Amazônica eram cíclicas, com períodos alternados de centralização política e descentralização, a última inferida a partir de eventos de abandono de assentamentos e declínio da população regional*” (Neves, 2008: 371). Novamente aqui não se encontra a discussão sobre as formas de organização sociopolítica dessas sociedades, pois dizer que eram cíclicas sem realmente definir aquilo que era cíclico não faz muito sentido.

Na minha própria trajetória de estudos sobre os cacicados, inicialmente focando as sociedades marajoaras, busquei utilizar o conceito como uma forma de falar sobre sociedades que são politicamente distintas de aldeias (politicamente) autônomas, pois conforme o registro arqueológico indica, suas estratégias de ocupação do espaço e sua cultura material sugerem o domínio de vastas áreas sob um mesmo regime sociopolítico (Schaan, 2007; Schaan, 2008). Percebi que essas sociedades regionais a que chamamos cacicados, na Amazônia emergiram a partir de uma mudança radical na relação com o meio circundante, com a manipulação intencional da paisagem (principalmente pela construção de obras de terra), intensificação da exploração de recursos aquáticos (Erickson, 2001), e pelo surgimento de uma economia e organização social diferenciada que levou à origem da terra preta (Kern et al., 2004; Schaan, Kern e Frazão, 2009; Schaan, 2009b) identificada em quase toda a Amazônia. Quando se trata de estudar sociedades regionais, a única escala possível de estudo é a regional (Crumley e Marquardt, 1990; Dunnell, 1992) e necessariamente estudos aprofundados de sítios particulares devem estar em consonância com essa análise regional, sem a qual qualquer interpretação conduzirá a equívocos. A perspectiva regional, assim como as visíveis transformações da paisagem associadas à emergência e desenvolvimento dos cacicados e outras sociedades regionais amazônicas me levou a buscar a arqueologia da paisagem como forma de abordagem, por possibilitar ainda a dimensão temporal inerente aos estudos arqueológicos. Concordo com Neves (1999) quando afirma que há muita especulação, e que muitos modelos que embalaram o debate amazônico foram construídos com poucos dados arqueológicos. No entanto, não há outra forma de construir conhecimento. Com os poucos dados que temos construímos modelos, e os testamos, produzindo novos dados. Não poderíamos produzir dados relevantes sem possuímos as perguntas necessárias como guias.

Observações Finais

Decidi centrar-me, nesse artigo, principalmente sobre a arqueologia que se faz na Amazônia brasileira e mostrar as diferentes opiniões sobre a questão das sociedades regionais ou cacicados que emergiram na região a partir do primeiro milênio. O estudo dessas sociedades na Amazônia foi estimulado pelo debate internacional sobre os cacicados, surgido em uma época em que havia

poucas pesquisas na região. Inicialmente reconhecer a existência de cacicados na Amazônia significava ser contra a ecologia cultural, segundo a qual a região não suportaria esse tipo de formação social; portanto, aquelas existentes, como no Marajó, no delta amazônico, e em Llanos de Mojos, na Bolívia, teriam necessariamente que ser intrusivas. Nos últimos 10 anos, com o crescimento da arqueologia amazônica através do aumento do financiamento para pesquisa e a inclusão de mais pesquisadores e estudantes, o debate sobre organização social foi minimizado e as perspectivas comparativas pouco utilizadas. Não se trata de decidir se houve ou não cacicados na Amazônia. No entanto, o termo cacicado é útil porque nos possibilita estabelecer a discussão. O importante seria entender como essas sociedades surgem a partir do primeiro milênio, como se desenvolvem, como diferem umas das outras, como interagem, e se existe algo específico sobre o desenvolvimento dos cacicados na Amazônia (Schaan, 2008). No entanto, a discussão sociopolítica não é priorizada, ainda que esteja presente de maneira tímida em muitos trabalhos. A que se deve isso? Penso que a diferentes causas. Há uma forte influência do histórico-culturalismo na América do Sul (Politis, 2003), nos trabalhos realizados na Amazônia Central e mesmo no baixo Amazonas, e uma tendência a aceitar a ideia tão difundida nos tempos de domínio da ecologia cultural norte-americana de que as sociedades amazônicas são semi-nômades (agora chamam-se cíclicas). O interessante é que a metodologia de Meggers tinha uma clara base teórica neo-evolucionista. No entanto, seus seguidores ficaram apenas com a parte empírica de seus ensinamentos e esqueceram-se de interpretar os dados a partir da teoria. A falta de teoria que se observa em alguns trabalhos ainda hoje, entretanto, não deve ser creditada à incapacidade de pensar teoricamente, mas ao fato de que algumas pessoas simplesmente não se interessam por teoria. Por outro lado, existe uma forte influência da etnologia amazônica (estruturalista) na arqueologia, no sentido de que não somente a cosmologia dos povos indígenas estudados nos dois últimos séculos possui profundidade temporal, mas que as formas de organização social seriam também estruturais (Gomes, 2007; Schaan, 2005c) e, portanto, a projeção etnográfica, apesar dos 500 anos de massacre das sociedades indígenas, poderia ser válida. Esta postura não é a-teórica, mas prescinde do estudo de processos, sem os quais não se pode estudar mudanças culturais.

Por outro lado, a palavra cacicado virou palavrão, por ser associada aos estágios tipológicos do neo-evolucionismo, apesar de que, como bem lembra Carneiro (2010b), quando Oberg (1973[1955]) lançou e definiu o termo cacicado, em 1955, ele o considerava uma forma de organização sociopolítica, enquanto que seu tratamento como estágio de evolução social foi somente adotado a partir de 1962, por Service (1962)⁷.

Provavelmente pelo receio de serem tachados de evolucionistas, os estudiosos, apesar de continuarem a falar sobre cacicados, esquivam-se de mencioná-los, como nesta passagem de artigo recente de Heckenberger e Neves (2009: 255):

⁷ Oberg definiu o cacicado como uma unidade política territorial composta múltiplas aldeias, governada por um chefe supremo que controla distritos e aldeias governadas por uma hierarquia de chefes subordinados. Esse chefe supremo teria poder judicial e punitivo, podendo castigar com a morte, além de ter o poder de requisitar homens e suprimentos para a guerra (Oberg 1955:484).

“Where propitious ecological conditions prevailed, notably in rich soils and aquatic resources, cultural groups developed into dense, regionally organized societies by late prehistoric times”. Os cacicados em outras partes desse mesmo artigo são referidos como “regional polities”. O termo “chiefdom” é somente usado para caracterizar as sociedades pré-Colombianas de Llanos de Mojos, entre aspas e citando Steward e Faron (1959), enquanto que a palavra não é usada na apresentação dos dados do Marajó, mesmo tendo sido usada pelas pesquisadoras que lá trabalharam.

Atualmente, a arqueologia Amazônica relegou a segundo plano a discussão sobre organização sociopolítica, e desenvolve-se a partir de três diferentes tendências, ocasionalmente complementares. Em um grupo de estudiosos há uma preocupação em estudar as sociedades indígenas pré-Colombianas como antepassadas das sociedades atuais, com ênfase na história indígena de longa duração, onde a tônica é, por um lado, a identificação de grupos lingüísticos e sua dispersão geográfica e temporal, tarefa extremamente ingrata tendo em vista as migrações forçadas do início da conquista, a drástica diminuição demográfica, e a formação de sociedades multiétnicas tanto a partir das missões religiosas como pela convivência em territórios restritos longe de áreas colonizadas. A relação entre grupos lingüísticos do passado e presente a partir do registro arqueológico é buscada principalmente a partir da cerâmica, principalmente no que tange aos grupos tupi-guarani e seus alegados correlatos arqueológicos (Almeida e Garcia, 2008; Cruz, 2009). Percebe-se aí a influência de Lathrap e também do histórico-culturalismo. Já aqueles que buscam a ligação a partir de referenciais cosmológicos e lingüísticos não desprezam a cerâmica, mas mostram a influência do estruturalismo francês e das tendências pós-modernas atuais (Gomes, 2007; Heckenberger, 2001). Esse tipo de pesquisa centrado nas migrações de povos dos troncos Arawak e Tupi, principalmente, deve continuar nos próximos anos, especialmente com a exploração de novas áreas, como as cabeceiras do Madeira, em Rondônia, onde seria o suposto centro de dispersão Tupi, e a exploração de outras regiões ocupadas por povos Arawak na periferia Amazônica.

Outra tendência é o estudo da relação entre sociedades humanas e ambientes tropicais, onde a ecologia histórica tem ganhado mais terreno, convivendo com outras abordagens como da arqueologia ambiental (Balée e Erickson, 2006; Cabral e Saldanha, 2008; Neves, 2005; Roosevelt, 2000; Schaan, 2009b). Acredito que nos próximos anos veremos mais pesquisadores adotando essas perspectivas, com o uso da arqueologia da paisagem e outras formas de estudos regionais que levem em conta as relações dialéticas entre sociedades e meio ambiente. Ganham espaço nessa tendência as ferramentas tecnológicas do sensoriamento remoto e sistemas de informação geográfica (Barbosa e Bueno, 2009; Parssinen, Schaan e Ranzi, 2009; Ranzi, Feres e Brown, 2007), assim como estudos de paleoambientes e solos. Incluo nesse grupo os estudos sobre terra preta (Lehmann et al., 2003; Woods et al., 2009), que tem experimentado um avanço considerável e contribuído para a identificação de sítios arqueológicos e a comprovação da existência de grandes assentamentos permanentes durante o milênio que antecedeu a conquista.

Por último, a incorporação das populações locais nos projetos de pesquisa, seja através de projetos de arqueologia pública ou educação patrimonial, juntamente com a formação de recursos humanos locais é outra tendência que pode crescer em importância e alcance social. Percebe-se já um aumento das demandas sociais por inclusão em projetos de arqueologia, ao mesmo tempo em que técnicos, ajudantes e populações locais passam a contribuir na produção do conhecimento, inclusive assinando artigos e relatórios de pesquisa (Cabral e Saldanha, 2009; Green, Green e Neves, 2003; Heckenberger et al., 2003; Roosevelt et al., 2009). É possível que os próprios movimentos sociais comecem a cobrar arqueologias mais engajadas e que produzam histórias menos herméticas e que venham a satisfazer a curiosidade natural que todos possuímos sobre o passado.

Não podemos construir uma história do passado sem teoria. A teoria precisa ser contemplada antes, durante e depois da coleta de dados, e mesmo que ela não esteja explícita, sabemos que lá está ela. Os trabalhos descritivos, assim como a arqueologia tipológica do histórico-culturalismo, com suas fases e tradições, fazem da arqueologia uma disciplina dos objetos, o que é muito distante de uma ciência social que se dedica a estudar pessoas, sociedades, culturas.

Não podemos obrigar a que todos os arqueólogos se interessem por teorias, pois somos produtos de formações distintas e nossas individualidades apontam para interesses diversos. Por isso sempre teremos opiniões diferentes, o que ultimamente deveria enriquecer o debate. De minha parte tenho um grande interesse por teoria e por entender melhor a diversidade das formações sociais regionais na Amazônia, que em alguns locais se constituíram em grandes cacicados, seguindo a definição de Oberg (1955). As formações sociais regionais amazônicas do último milênio que antecedeu a chegada dos europeus apresentaram uma grande variabilidade em termos de organização sociopolítica e formas de sustentação econômica, mas caracterizam-se todas por massivas transformações da paisagem (envolvendo obras de terra na maioria dos casos), intensificação na exploração de recursos aquáticos e agrícolas, e desenvolvimento de estratificação social, onde chefes e pajés assumiram posições quase divinas. O poder constituído se legitimava através de elaborados complexos ritualísticos, nos quais a veneração dos antepassados (reais ou mitológicos) cumpriu um papel fundamental (Guapindaia, 2001; Roosevelt, 1991b; Schaan, 2005b). Entender como essas sociedades se formaram e estudar seu desenvolvimento através do tempo significa proporcionar uma história (nunca escrita) das populações amazônicas que foram dizimadas pela invasão europeia e contribuir para a valorização dos povos indígenas atuais frente à sociedade nacional. Com o crescimento atual da arqueologia brasileira através da criação de novos cursos de graduação e pós-graduação no país (Bezerra, 2008; Schaan, 2009a) acredito que estamos no caminho para a formação de uma massa crítica necessária ao crescimento da disciplina e sua valorização enquanto ciência social, onde o debate teórico tende a crescer. Pelo menos é o que espero.

Referências

- Alès, Catherine; Pouyllau, Michel. 1992. La conquête de l'inutile. Les géographies imaginaires de l'Eldorado. En: L'Homme Vol. XXXII, Nro. 2-3-4, pp: 271-308.
- Allen, M. 1996. Pathways to economic power in Maori chiefdoms. En: Economic Anthropology Vol. 17, pp: 171-225.
- Arnold, Jeanne E. 1996. Emergent complexity: the evolution of intermediate societies. International Monographs in Prehistory, Ann Arbor.
- Balée, William. 1989. The culture of Amazonian forests. En: Resource management in Amazonia: indigenous and folk strategies. Advances in Economic Botany vol. 7. Editado por Posey, Darrell. A.; Balée, William, pp: 1-21. New York Botanical Garden, New York.
- Balée, William; Erickson, Clark L. 2006. Time and complexity in historical ecology. Columbia University Press, New York.
- Barbosa, Antonia D.; Bueno, Miriam A. "Os estudos sobre geoglifos no Acre e a aplicabilidade das ferramentas de sensoriamento remoto. XV Congresso da SAB, Belém, 2009.
- Barreto, Cristiana. 1999. Arqueologia Brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. En: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia Vol. 3, pp: 201-212.
- _____. 2000. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia do Brasil. Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira. En: Revista da USP Vol. 44, pp: 32-51.
- Barth, Fredrik. 2000a. A identidade pathan e sua manutenção. En: O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Editado por Barth, Fredrik, pp: 69-93. Contracapa, Rio.
- _____. 2000b. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Contracapa, Rio.
- Beaudry, Mary; Cook, Lauren; Mrozowski, Stephen. 1991. Artifacts and active voices: material culture as social discourse. En: The Archaeology of Inequality. Editado por Mcguirre, Randall H.; Paynter, Robert, pp: 150-91. Basil Blackwell, Cambridge, Mass.
- Bermann, Marc. 1994. Lukurmata: Household Archaeology in Prehispanic Bolivia. Princeton University Press, Princeton.
- Bezerra, Marcia. 2008. Bicho de nove cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil. En: Revista de Arqueologia Vol. 21, Nro. 2, pp: 139-154.
- Bray, Warwick. 1992. Emblems of Power in the Chiefdoms of the New World. En: Circa 1492: Art in the Age of Exploration. Editado por Levenson, Jay A., pp: 535-538. Yale University Press, New Haven.
- Brumfiel, Elizabeth M.; Earle, Timothy K. 1987. Specialization, exchange, and complex societies. Cambridge University Press, Cambridge.
- Bueno, Lucas de Melo Reis; Machado, Juliana Salles. 2003. "Paradigmas que persistem: as origens da arqueologia no Brasil En: *Arqueologia*. <http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq16.shtml>
- Cabral, Mariana Petry; Saldanha, João Darcy de Moura. 2008. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. En: Revista de Arqueologia Vol. 21, pp: 3-20.
- _____. 2009. Um sítio, múltiplas interpretações: o caso do chamado Stonehenge do Amapá. En: Revista de Arqueologia Vol. 22, pp: 115-123.
- Carneiro, Robert L. 1961. Slash-and-burn cultivation among the Kuikuro and its implications for cultural development in the Amazon basin. En: The evolution of horticultural systems in native South America: causes and consequences, a symposium. Editado por Wilbert, Johannes, pp: 47-67. Sociedade de Ciencias Naturales La Salla, Caracas.
- _____. 1970. A theory of the origin of state. En: Science Vol. 169, Nro. pp: 733-38.
- _____. 1985. Slash-and-Burn Cultivation among te Kuikuro and Its Implications for Cultural Development in the Amazon Basin. En: Native South Americans: Ethnology of the Least Known Continent. Editado por Lyon, P., pp: 73-91. Waveland Press, Prospect Heights, Illinois.
- _____. 1995. The history of ecological interpretations of Amazonia: Does Roosevelt have it right? En: Indigenous Peoples and the Future of Amazonia. Editado por Sponsel, Leslie E., pp: 45-70. The University of Arizona Press, Tucson & London.
- _____. 1998. What Happened at the Flashpoint? Conjectures on Chiefdom Formation at the Very Moment of Conception. En: Chiefdoms and Chieftaincy in the Americas. Editado por Redmond, Elsa M., pp: 18-42. University Press of Florida, Gainesville.
- _____. 2007. A Base Ecológica dos Cacicados Amazônicos. En: Revista de Arqueologia Vol. 20, pp: 117-154.
- _____. 2010a. Pauketat's Chiefdoms and other archaeological delusions; a challenge to social evolution. Manuscrito no publicado.
- _____. 2010b. The checkered history of Amazonian Chiefdoms. New York, Manuscrito no publicado.

- Castro, Marcio Walter de Moura. 2009. A cronologia dos sítios Lago do Iranduba e Lagunho à luz das ocupações humanas para a Amazônia Central. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- Colson, A. B. 1985. Routes of knowledge: as aspect of regional integration in the circum-Roraima area of the Guiana highlands. En: *Antropologica* Vol. 63, pp: 103-149.
- Costin, Lynne. 1991. Craft specialization: issues in defining, documenting, and explaining the organization of production. En: *Archaeological Method and Theory* vol. 3. Editado por Schiffer, Michael B. University of Arizona Press, Tucson.
- Crumley, Carole L. 1987. A dialectical critique of hierarchy. En: *Power Relations and State Formation*. Editado por Patterson, T.C.; Gailey, C. W., pp: 155-169. American Anthropological Association, Washington D.C.
- Crumley, Carole L.; Marquardt, William H. 1990. Landscape: a unifying concept in regional analysis. En: *Interpreting space: GIS and archaeology*. Editado por Allen, Kathleen M.; Green, Stanton W.; Zubrow, Elsa B., pp: 73-79. Taylor and Francis, London.
- DeBoer, Warren R.; Lathrap, Donald W. 1979. The making and breaking of Shipibo-Conibo ceramics. En: *Ethnoarchaeology: the implications of ethnology for archaeology*. Editado por Kramer, C., pp: 102-138. Columbia University Press, New York.
- Denevan, William. 1963. Additional Comments on the Earthworks of Mojos in Northeastern Bolivia. En: *American Antiquity* Vol. 28, Nro. 4, pp: 540-545.
- Denevan, William M. 1976. The aboriginal population of Amazonia. En: *The native populations of the Americas before 1492*. Editado por Denevan, W. University of Wisconsin Press, Madison.
- _____. 2001. *Cultivated landscapes of Native Amazonia and the Andes: triumph over the soil*. Oxford University Press, Oxford, UK New York.
- Dias, Adriana Schmidt. 1995. Um projeto para a arqueologia brasileira : breve histórico da implementação do PRONAPA. En: *Revista do CEPA* Vol. 19, Nro. 22, pp: 25-39.
- _____. 2007. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. En: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia*, Vol. 2, Nro. 1 pp: 59-76.
- Drennan, Robert. 2008. Chiefdoms of Southwestern Colombia. En: *Handbook of South American Archaeology*. Editado por Silverman, Helaine; Isbell, William, pp: 381-403. Springer, New York.
- Drennan, Robert D. 1991. Pre-Hispanic Chiefdoms Trajectories in Mesoamerica, Central American, and Northern South America. En: *Chiefdoms: Power, Economy, and Ideology*. Editado por Earle, Timothy, pp: 263-287. Cambridge University Press, Cambridge.
- Drennan, Robert D.; Quattrin, Dale W. 1995. Social Inequality and Agricultural Resources in the Valle de La Plata, Colombia. En: *Foundations of Social Inequality*. Editado por Price, T. Douglas; Feinman, Gary M., pp: 207-233. Plenum Press, New York.
- Dunnell, Robert C. 1992. The Notion Site. En: *Space, Time, and Archaeological Landscapes*. Editado por Rossignol, Jacqueline; Wandsnider, Luann, pp: 21-42. Plenum Press, New York.
- Earle, Timothy. 1977. A reappraisal of redistribution: complex Hawaiian chiefdoms. En: *Exchange systems in prehistory*. Editado por Earle, Timothy; Ericson, J., pp: 213-29. Academic Press, New York.
- _____. 1987. Chiefdoms in archaeological and ethnohistorical perspective. En: *Annual Review of Anthropology* Vol. 16, pp: 279-308.
- _____. 1990. Style and iconography as legitimation in complex chiefdoms. En: *The uses of style in archaeology*. Editado por Conkey, M.; Hastorf, C., pp: 73-81. Cambridge University Press, Cambridge.
- _____. 1991. *Chiefdoms: power, economy, and ideology*. Cambridge University Press, Cambridge; New York.
- _____. 2001. Institutionalization of chiefdoms: why landscapes are built. En: *From rulers to leaders*. Editado por Haas, J., pp: 105-124. Plenum Press, New York.
- Ehrenreich, Robert M.; Crumley, Carole L.; Levy, Janet E. (Org.). 1995. *Heterarchy and the analysis of complex societies. Archaeological Papers of the American Anthropological Association, n. 6*. Arlington, VA: American Anthropological Association.
- Erickson, Clark L. 2001. Pre-Columbian Fish Farming in the Amazon. En: *Expedition* Vol. 43, Nro. 3, pp: 7-8.
- Feinman, Gary M. 1991. Demography, surplus, and inequality: early political formations in highland Mesoamerica. En: *Chiefdoms: power, economy, and ideology*. Editado por Earle, Timothy, pp: 229-262. Cambridge University Press, Cambridge.

- _____. 2000. Corporate/Network. New Perspectives on Models of Political Action and the Puebloan Southwest. En: *Social Theory in Archaeology*. Editado por Schiffer, Michael B., pp: 31-51. University of Utah Press, Salt Lake City.
- Gilman, Antonio. 1991. Trajectories towards social complexity in the later prehistory of the Mediterranean. En: *Chiefdoms: Power, Economy and Ideology*. Editado por Earle, Timothy, pp: 146-168. Cambridge University Press, Cambridge.
- Gomes, Denise Maria Cavalcante. 2002. Cerâmica Arqueológica da Amazônia : Vasilhas da Coleção Tapajônica Mae-USP. FAPESP/ EDUSP/Imprensa Oficial SP, São Paulo.
- _____. 2004. Influencias del abordaje historico-cultural en la arqueologia amazónica. En: *Teoria Arqueológica en América del Sur*, vol. 3. Editado por Politis, Gustavo; Peretti, Ricardo, pp: 245-257. INCUAPA/UNICEN, Olavarría.
- _____. 2005. Análise dos padrões de organização comunitária no baixo Tapajós: o desenvolvimento do formativo na área de Santarém, PA. Tese de Doutorado, São Paulo.
- _____. 2007. The diversity of social forms in pre-colonial Amazonia. En: *Revista de Arqueologia Americana* Vol. 25, pp: 189-225.
- Green, Lesley; Green, David; Neves, Eduardo Góes. 2003. Indigenous knowledge and archeological science. En: *Journal of Social Archeology* Vol. 3, Nro. 3, pp: 365-97.
- Gross, D. 1975. Protein Capture and Cultural Development in the Amazon Basin. En: *American Anthropologist* Vol. 77, Nro. 3, pp: 526-49.
- Guapindaia, Vera. 2001. Encountering the ancestors. The Maracá urns. En: *Unknown Amazon. Culture in nature in ancient Brazil*. Editado por Mcewan, Colin; Barreto, Cristiana; Neves, Eduardo. The British Museum Press, London.
- Guapindaia, Vera Lucia Calandrini. 2009. Além da margem do rio - a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA. São Paulo, USP, Tese de Doutorado.
- Hayden, B.; Canon, A. 1982. The corporate group as an archaeological unit. En: *Journal of Anthropological Archaeology* Vol. 1, pp: 132-158.
- Heckenberger, Michael J. 1996. War and peace in the shadow of empire: Sociopolitical change in the upper Xingu of southeastern Amazonia A.D. 1400-2000. Ph.D. Dissertation, University of Pittsburgh.
- _____. 1999. O enigma das grandes cidades. Corpo privado e Estado na Amazônia. En: *A outra margem do Ocidente (Brasil 500 anos:experiência e destino)*. Editado por Novaes, Adauto, pp: 125-52. Cia. das Letras, São Paulo.
- _____. 2001. Estrutura, história e transformação: a cultura Xinguana na long durée, 1000-2000 d.C. En: *Povos do alto Xingu: História e cultura*. Editado por Heckenberger, Michael J.; Franchetto, Bruna, pp: 21-62. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. 2005. *The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, A.D. 1000-2000*. Routledge, Nova York & Londres.
- Heckenberger, Michael J.; Kuikuro, Afukaka; Kuikuro, Urissapá Tabata; Russel, J. Christian; Schmidt, Morgan; Fausto, Carlos; Franchetto, Bruna. 2003. Amazonia 1492: Pristine Forest or Cultural Parkland? En: *Science* Vol. 301, pp: 1710-1713.
- Heckenberger, Michael J.; Russell, J. Christian; Fausto, Carlos; Toney, Joshua R.; Schmidt, Morgan J.; Pereira, Edithe; Franchetto, Bruna; Kuikuro, Afukaka. 2008. Ancient urbanism, anthropogenic forests, and the future of the Amazon. En: *Science* Vol. 321, pp: 1214-1217.
- Heckenberger, Michael; Neves, Eduardo Góes. 2009. Amazonian Archaeology. En: *Annual Review of Anthropology* Vol. 38, pp: 251-266.
- Helms, Mary W. 1979. *Ancient Panama. Chiefs in Search of Power*. University of Texas Press, Austin and London.
- Hilbert, Klaus. 2007. "Cave Canem"! Cuidado com os "Pronapianos"! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira. En: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia* Vol. 2, Nro. 1, pp: 117-130.
- Hilbert, Klaus; Hilbert, Peter Paul. 1980. Resultados Preliminares da Pesquisa Arqueológica nos Rios Nhamundá e Trombetas. En: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia* Vol. 75.
- Hodder, Ian. 1978. *The Spatial organisation of culture*. University of Pittsburgh Press, Pittsburgh.
- Jones, Siân. 1997. *The archaeology of ethnicity*. Routledge, London and New York.
- Junker, Laura Lee; Mudar, Karen; Schwaller, Marla. 1994. Social stratification, household wealth, and competitive feasting in 15th/16th-century Philippine chiefdoms. En: *Research in Economic Anthropology* Vol. Nro. pp: 307-358.

- Kern, Dirse; d'Aquino, Gilma; Rodrigues, Tarcísio Ewerton; Frazão, Francisco J.; Sombroek, Wim; Myers, Thomas; Neves, Eduardo. 2004. Distribution of Amazonian Dark Earths in the Brazilian Amazon. En: Amazonian dark earths: explorations in space and time. Editado por Glaser, B.; Woods, William, pp: 51-75. Springer-Verlag, Berlín.
- Kirch, Patrick Vinton. 1984. The evolution of the Polynesian chiefdoms. Cambridge University Press, Cambridge [Cambridgeshire] ; New York.
- Kopytoff, Igor. 1999. Permutations in patrimonialism and populism: the Aghem chiefdoms of western Cameroon. En: Beyond chiefdoms. Pathways to complexity in Africa. Editado por McIntosh, Susan Keech, pp: 88-96. Cambridge University Press, Cambridge.
- Lathrap, Donald W. 1970a. La Floresta Tropical y el Contexto Cultural de Chavín. En: 100 años de Arqueología en el Perú, *Fuentes e Investigaciones para la Historia del Perú*, 3. Editado por Ravines, Rogger. Instituto de Estudios Peruanos: Edición de Petróleos del Perú, Lima.
- _____. 1970b. The Upper Amazon. Praeger, New York.
- Lehmann, J.; Kern, Dirse; Glaser, Bruno; Woods, William. 2003. Amazonian dark earths: origins, properties, management. Kluwer Academic Publishers, Netherlands.
- Lima, Helena Pinto. "Continuidade e Mudança na Amazônia Central: a Fase Manacapuru e a Sub-tradição Guarita. XII Meeting of the Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB, São Paulo, 2003.
- Lima, Helena Pinto; Neves, Eduardo Góes; Petersen, James B. 2006. La fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia Central. En: Arqueologia Sul-Americana Vol. 2, Nro. 1, pp: 26-52.
- Lima, Tania Andrade. Teoria e método na arqueologia brasileira: avaliação e perspectivas. IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 2000.
- Liu, Li. 1996. Settlement patterns, chiefdom variability, and the development of early states in north China. En: Journal of Anthropological Archaeology Vol. 15, pp: 237-88.
- Machado, Juliana Salles. 2005. Montículos artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- McIntosh, Susan Keech. 1999. Beyond chiefdoms: pathways to complexity in Africa. Cambridge University Press, Cambridge.
- Meggers, Betty J. 1954. Environmental Limitation on the Development of Culture. En: American Anthropologist Vol. 56, Nro. 5, pp: 801-24.
- _____. 1971. Amazonia: man and culture in a counterfeit paradise. Aldine Atherton, Chicago.
- _____. 1972. Prehistoric America. Aldine Atherton, Chicago.
- _____. 1979. Climatic Oscillation as a Factor in the Prehistory of Amazonia. En: American Antiquity Vol. 44, Nro. 2, pp: 252-66.
- _____. 1984. The indigenous peoples of Amazonia, their cultures, land use patterns and effects on the landscape and biota. En: The Amazon. Limnology and landscape ecology of a mighty tropical river and its basin. Editado por Sioli, H., pp: 627-48. W. Junk/ Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, Boston.
- _____. 1985a. Aboriginal adaptation to Amazonia. En: Key Environments. Amazonia. Editado por France, Ghilleen T.; Lovejoy, Thomas E., pp: 307-327. Pergamon Press, Oxford.
- _____. 1985b. Advances in Brazilian archaeology, 1935-1985. En: American Antiquity Vol. 50, Nro. 2, pp: 364-373.
- _____. 1992. Tropical forest environments and archaeology: a view from Amazonia. En: Environment and Archaeology. Editado por Pantel, Agamemnon Gus; Schneider, Kent A.; Loyola-Black, Gloria. San Juan, Puerto Rico.
- _____. 1995. Judging the future by the past. The impact of environmental stability on prehistoric Amazonian populations. En: Indigenous peoples and the future of Amazonia. An ecological anthropology of an endangered world. Editado por Sponsel, Leslie E., pp: 15-43. The University of Arizona Press, Tucson & London.
- Meggers, Betty J.; Evans, Clifford. 1957. Archeological investigations at the mouth of the Amazon. U.S. Govt. Print. Off., Washington, D.C., Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology
- Moraes, Claide de Paula. 2007. Arqueologia na Amazônia Central vista de uma perspectiva da região do lago do Limão. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- Myers, Thomas P. 1973. Toward a reconstruction of prehistoric community patterns in the Amazon basin. En: Variation in Anthropology: Essays in honor of John C. McGregor. Editado por Lathrap, D.; Douglas, J., pp: 233-252. Illinois Archaeological Survey, Urbana.
- Neves, Eduardo Góes. 1999. Duas Interpretações para explicar a ocupações pré-histórica da Amazônia. En: Pré-História da Terra Brasilis. Editado por Tenório, Maria Cristina, pp: 359-367. Editora UFRJ, Rio de Janeiro.

- _____. 2005. O lugar dos lugares. Escala e intensidade das modificações paisagísticas na Amazônia Central pré-colonial em comparação com a Amazônia contemporânea. En: *Ciência & Ambiente* Vol. 31, Nro. pp: 79-91.
- _____. 2008. Ecology, ceramic chronology and distribution, long term history, and political change in the Amazonian floodplain. En: *Handbook of South American Archaeology*. Editado por Silverman, Helaine; Isbell, William H. Springer, New York.
- Oberg, Karlevo. 1973[1955]. Types of Social Structure among the Lowland Tribes of South and Central America. En: *Peoples and Cultures of Native South America*, vol. 57. Editado por Gross, Daniel R., pp: 189-212. Doubleday, The Natural History Press, Garden City, New York.
- Parssinen, Martti; Schaan, Denise P.; Ranzi, Alceu. 2009. Pre-Columbian geometric earthworks in the upper Purus: a complex society in western Amazonia. En: *Antiquity* Vol. 83, Nro. 322, pp: 1084-1095.
- Pauketat, T. R. 2004. The economy of the moment: cultural practices and Mississippian Chiefdoms. En: *Archaeological perspectives on political economies*. Editado por Feinman, Gary M.; Nicholas, Linda M., pp: 25-40. The University of Utah Press, Salt Lake City.
- Pauketat, T. R.; Emerson, T. E. (Org.). 1997. *Cahokia. Domination and ideology in the Mississippian World*. Lincoln and London: University of Nebraska Press.
- Pauketat, Timothy R. 2007. Chiefdoms and other archaeological delusions. AltaMira Press, Lanham.
- Peregrine, Peter N. 1991. Some political aspects of craft specialization. En: *World Archaeology* Vol. 23, Nro. 1, pp: 1-11.
- Politis, Gustavo. 2003. The theoretical landscape and the methodological development of archaeology in Latin America. En: *Latin American Antiquity* Vol. 14, Nro. 2, pp: 115-42.
- Porro, Antonio. 1994. Social organization and political power in the Amazon floodplain: the ethnohistorical sources. En: *Amazonian indians from prehistory to the present: Anthropological perspectives*. Editado por Roosevelt, Anna Curtenius, pp: 79-94. University of Arizona Press, Tucson.
- Ranzi, Alceu; Feres, Roberto; Brown, Foster. 2007. Internet Software Programs aid in search for Amazonian Geoglyphs. En: *Eos* Vol. 88, Nro. 21-22, pp: 226-229.
- Renfrew, Colin. 1982. Socio-economic change in ranked societies. En: *Ranking, resource, and exchange: Aspects of the archaeology of early European society*. Editado por Renfrew, Colin; Shennan, Stephen, pp: 1-8. Cambridge University Press, Cambridge, New York.
- Robrahn-González. 2000. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. Dossiê Antes de Cabral: arqueologia brasileira I. En: *Revista da USP* Vol. 44, pp: 10-31.
- Roosevelt, Anna C. 1980. *Parmana: Prehistoric maize and manioc subsistence along the Amazon and Orinoco*. Academic Press, New York.
- _____. 1987. Chiefdoms in the Amazon and Orinoco. En: *Chiefdoms in the Americas*. Editado por Drennan, Robert D.; Uribe, Carlos A. University Press of Americas, Washington D.C.
- _____. 1989. Resource management in Amazonia before the conquest: Beyond ethnographic projection. En: *Resource Management in Amazonia: indigenous and folk strategies*, vol. 7, *Advances in Economic Botany*. Editado por Posey, D. A.; Balée, William, pp: 30-62. The New York Botanical Garden, New York.
- _____. 1991a. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. En: *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Editado por Neves, Walter A., pp: 103-41. MPEG/CNPq/SCT/PR, Belém, PA.
- _____. 1991b. Moundbuilders of the Amazon : geophysical archaeology on Marajo Island, Brazil. Academic Press, San Diego.
- _____. 1995. Early pottery in the Amazon. Twenty years of scholarly obscurity. En: *The emergence of pottery*. Editado por Barnett, William K.; Hoopes, John W., pp: 115-31. Smithsonian Institution Press, Washington and London.
- _____. 1999. The development of prehistoric complex societies: Amazonia: a tropical forest. En: *Complex Politics in the Ancient Tropical World*. Editado por Bacus, Elisabeth A.; Lecero, Lisa J., pp: 13-33.
- _____. 2000. The lower Amazon: a dynamic human habitat. En: *Imperfect imbalance: landscape transformations in the precolumbian Americas*. Editado por Lentz, David L., pp: 455-479. Columbia University Press, New York.
- Roosevelt, Anna C.; Douglas, John E.; Amaral, Anderson Marcio; Silveira, Maura Imazio da; Barbosa, Carlos Palheta; Barreto, Mauro; Silva, Wanderley Souza da; Brown, Linda J. 2009. Early Hunter in the Terra Firme Rainforest: Stemmed Projectile Points from the Curuá Goldmines. En: *Amazonica* Vol. 1, Nro. 2, pp: 442-483.

- Schaan, Denise P. 2001. Os dados inéditos do Projeto Marajó (1962-1965). En: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo Vol. 11, pp: 141-164.
- _____. 2004. The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Complex Societies on Marajó Island, Brazilian Amazon. Ph.D. Dissertation, University of Pittsburgh.
- _____. 2005a. Uma janela para a história pré-colonial da amazônia: Olhando além – e apesar - das fases e tradições. En: Trabalho apresentado no Simpósio: Fronteiras Territoriais e Identidades Sócio-Culturais: as Causas e os Significados da Variabilidade Arqueológica dos Registros Arqueológicos. XIII Congresso da SAB – Campo Grande, 4 a 8 de setembro de 2005.
- _____. 2005b. La céramique des fêtes, rites et funéraires: le symbolisme sacré de l'art marajoara. En: Brésil Indien: les arts des amérindiens du Brésil ed.Paris Editado por Grupioni, Luiz Donizete, pp: 161-170. Réunion des Musées Nationaux, Paris.
- _____. 2005c. Resenha crítica de Heckenberger, Michael J. The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, A.D. 1000-2000. Routledge: Nova York & Londres, 2005. 404p. (no prelo). En: Revista de Arqueologia Americana Vol. Nro. pp:
- _____. 2007. Os Filhos da Serpente: Rito, Mito e Subsistência nos Cacicados da Ilha de Marajó. En: International Journal of South American Archaeology Vol. 1, Nro. pp: 50-56 (<http://www.ijsa.syllabapress.com/issues/articles/ijsa00006.pdf>).
- _____. 2008. The nonagricultural chiefdoms of Marajó Island. En: Handbook of South American Archaeology. Editado por Silverman, Helaine; Isbell, William, pp: 339-357. Springer, New York.
- _____. 2009a. A arqueologia brasileira nos 30 anos da SAB. En: Construindo a arqueologia no Brasil: a trajetória da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Editado por Schaan, Denise Pahl; Bezerra, Marcia, pp: 277-295. SAB, Belém.
- _____. 2009b. Paisagens, imagens e memórias da Amazônia pré-colombiana. En: Paisagem e Memória. Editado por Silveira, Flávio Leonel Abreu Da; Cancela, Cristina Donza, pp: 7-20. Edufa, Belém.
- Schaan, Denise P.; Kern, Dirse Clara; Frazão, Francisco. 2009. An assessment of the cultural practices behind the formation (or not) of anthropogenic black earth in Marajo Island archaeological sites. En: Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's vision. Editado por Woods, William; Teixeira, Wenceslau; Lehmann, Johannes; Steiner, Christoph; WinklerPrins, Antoinette; Rebellato, Lilian, pp: 127-141. Springer, Berlin.
- Schaan, Denise Pahl; Silva, Wagner Fernando da Veiga e. 2004. O povo das águas e sua expansão territorial: uma abordagem regional de sociedades pré-coloniais na ilha de Marajó. En: Revista de Arqueologia Vol. 17, pp: 13-32.
- Service, Elman R. 1962. Primitive social organization: an evolutionary perspective. Random House, New York.
- Shennan, Stephen. 1982. Exchange and ranking: the role of amber in the earlier bronze age of Europe. En: Ranking, resource, and exchange : aspects of the archaeology of early European society. Editado por Renfrew, C. And S. Shennan, pp: 33-45. Cambridge University Press, Cambridge.
- Simões, Mário F. 1977. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica. En: Acta Amazônica Vol. 7, pp: 297-300.
- Smith, Carol A. 1976. Analyzing regional social systems. En: Regional analysis, volume 2: social systems. Editado por Smith, Carol A. Academic Press, New York.
- Smith, Nigel. 1980. Anthrosols and human carrying capacity in Amazonia. En: Annals of the American Association of Geographers Vol. 70, Nro. 4, pp: 553-566.
- Steponaitis, Vincas P. 1978. Location theory and complex chiefdoms: a Mississippian example. En: Mississippian Settlement Pattern. Editado por Smith, B. D., pp: 417-53. Academic Press, New York.
- Steward, Julian H. 1948. The tropical forest tribes. En: Handbook of South American Indians, vol. 3. Editado por Steward, Julian. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology. Bulletin 143, Washington D.C.
- Viveiros de Castro, Eduardo. 1996. Images of nature and society in Amazonian ethnology. En: Annual Review of Anthropology Vol. 25, pp: 179-200.
- Whitehead, Neil. 1994. The ancient amerindian polities of the Amazon, the Orinoco, and the Atlantic Coast: a preliminary analysis of their passage from antiquity to extinction. En: Amazonian indians from prehistory to the present: Anthropological perspectives. Editado por Roosevelt, Anna Curtenius, pp: 33-53. University of Arizona Press, Tucson.
- Woods, William; Teixeira, Wenceslau; Lehmann, Johannes; Steiner, Christoph; WinklerPrins, Antoinette; Rebellato, Lilian. 2009. Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's vision. Springer, Berlin.